



© Paulo Figueiredo

Dulce Maria Cardoso – Portugal

Os Meus Sentimentos (2005)

Les Anges, Violeta

Publishing House **Asa Editores**

Biography

Dulce was born in Trás-os-Montes, in 1964. She regrets the lack of memories related with her journey from Vera Cruz to Angola. From her childhood she remembers the mango tree in the backyard, the sea and the involving space that shaped her soul. She returned to Portugal in 1975. Later, she graduated from the Law Faculty of the University of Lisbon; she wrote screenplays and spent some time with uselessness. Dulce also wrote short stories. She kept on writing and enjoying uselessness. She lives in Lisbon. Her premiere novel, *Campo de Sangue*, published in 2002 and written with the support of a Fund of Literary Creation, from the Portuguese Culture Ministry, was distinguished with the Grand Prize 'Acontece de Romance'.

Synopsis

The night of the accident. There is a drop of water hanging from a piece of glass that refuses to fall. There is an instant that lasts an eternity.

Reflected in the drop, Violeta plunges into that eternity and thinks about what the last day of her life could have been like. She examines her life, and what that life consists of: the parents, the daughter, the child, the bastard. She feels the urgency of life that carries on indifferent like the road that she veered off during the accident. In her unstable position, upside down, trapped by her seat belt, it appears that everything is coming undone. Losing the obscurity that daily life presents, Violeta sinks into her past, a hallucinating spiral of transparencies and echoes.

Violeta turns a corner (or is it a page?) and the revolution of April interrupts, brandishing its anger. She opens a door (perhaps a paragraph) of an empty house and her mother calls for her when her father descends into madness out in the yard. A man chokes the desire from her body (comma, for sure) and the girl with the roller skates glides in front of the daughter who loses her life. The maid, as always, is silent.

Os Meus Sentimentos

Dulce Maria Cardoso

Inesperadamente

não devia ter saído de casa, não devia ter saído de casa,
não devia ter saído de casa, durante algum tempo, segundos,
horas, não sou capaz de mais nada,

inesperadamente paro

a posição em que me encontro, de cabeça para baixo, suspenso pelo cinto de segurança, não me incomoda, o meu corpo, estranhamente, não me pesa, o embate deve ter sido violento, não me lembro, abri os olhos e estava assim, de cabeça para baixo, os braços a bater no tejadilho, as pernas soltas, o desatento de um boneco de trapos, os olhos a fixarem-se, indolentes, numa gota de água parada num pedaço de vidro vertical, não consigo identificar os barulhos que ouço, recomeço, não devia ter saído de casa, não devia ter saído de casa,

são tão maçadoras as lengalengas

durante algum tempo, segundos, horas, não sou capaz de mais nada, devo ter caído muito longe da auto-estrada, a chuva estala no metal do carro, as rodas rolam em seco, gri-gri, gri-gri, grilos, não, não podem ser grilos, tic-tac, os quatro piscas, dentro da gota de água, são apenas os olhos que não se conseguem desviar, são apenas os olhos, o meu carro capotado num baldio, o meu saco de viagem preso num arbusto, as embalagens das ceras, os brindes das clientes e o caderno

das contas espalhados na lama, um sapato num charco mais distante, os faróis mantêm-se acesos, a chuva, fios de pirilampos que esvoaçam até morrerem no chão, gri-gri, não podem ser grilos, em todo o lado pedacinhos de vidro que brilham muito, cristais que afugentam a noite,
não devia ter saído de casa

o líquido quente que escorre da minha boca é sangue, reconheço o sabor, a minha boca uma massa, quente, demasiado quente, enjoativa, quero mexer-me, libertar-me do cinto de segurança, as mãos não me obedecem, dois atrapalhos inábeis, as minhas pernas, duas ausências, e os olhos pousados, inertes, na gota de água cheia de luz, uma gota inundada de luz, quase a apanhar-me, a vencer-me, resisto, recomeço,
não devia ter saído de casa, não devia ter saído de casa,

inesperadamente

não sinto dores, não tenho medo, os meus olhos afogados na gota de luz, os meus ouvidos um albergue de grilos,

neste momento posso já não existir aqui

este momento pode já não existir para mim rolo sobre as trevas

docemente, deslizo na auto-estrada que é sempre igual, a que fica para trás, a que se renova à minha frente, uma língua caridosa que me engole, negra, infinita, avanço, guio-me pelos reflectores que ladeiam a berma, os separadores de aço, o vento torce as árvores desfolhadas, esqueletos tristes, traços riscados a carvão contra o céu, os postes de alta tensão, espanalhos de mãos dadas numa fila para lado nenhum,

docemente

avanço no sentido único em que o infinito se cumpre, a minha cabeça num rodopio agradável, hoje à tarde vendi a casa, assinei a escritura com a caneta de prata, a minha mão não tremeu, não hesitei, se pensava que era fácil foi assustadoramente mais fácil, viajo na noite do temporal, nos últimos dias não se falou noutra coisa, o boletim meteorológico, a protecção civil, nos cafés, as minhas clientes, um assunto,

anunciaram um temporal

um tema de conversa, tanta confusão e se calhar não há nada, enganam-se a toda a hora, quem pode prever os caprichos da natureza, uma troca de palavras, no mar é que vai ser pior, a minha cabeça no rodopio que me sabe bem, estendo uma mão cega para o lado direito, procuro a minha casete, a partir de hoje vai ser tudo diferente, repito, a partir de hoje vai ser tudo diferente, a chuva abate-se sobre o tejadilho num barulho que me devia assustar, engrossa os vidros, duplica-os, milhares de gotas esborrachadas contra os vidros, teias que o vento logo desfaz, rajadas de vento na ordem dos, desafio a noite do temporal,

rolo sobre as trevas

a minha mão cega à procura de uma voz que amanse o temporal, um raio, um resto da luz do princípio, no início apenas luz, no início apenas luz e nós já cegos para sempre,

bêtises ma chérie, bêtises

custa-me respirar, uma dor no peito, um assunto, bebes sempre de mais, o meu corpo pesado seguindo a mão, a dificuldade de sempre nos gestos mais simples,

mostrenga, mostrenga

outro raio, um néon bonito que divide o escuro, encontro a cassette, um trovão, o escuro que ruge, não me custa acreditar que o mar tenha tomado o lugar do céu para se despenhar sobre a terra, avanço, penso que sobre o céu, um caminho que não pára de crescer nas trevas, coloco a cassette no leitor, carrego no botão para a rebobinar, arranho o silêncio, um tema de conversa na área de serviço,

olha para aquela gorda perdida de bêbeda

uma troca de palavras, há por aí tanta desgraça, nem chega a uma conversa, vê-se cada coisa, tenho o porta-bagagens carregado de ceras, brindes, amostras, folhetos, o caderno das contas, as minhas clientes esperam-me amanhã cedinho, há anos que me esperam, não estas, não neste destino, outras, noutros destinos, um entendimento, sou uma boa vendedora, a melhor, sei de cor e salteado a composição das ceras, as temperaturas a que derretem, as peles a que se destinam, a minha vida uma luta contra milhões de pêlos, de nada me orgulho tanto, talvez da Dora, talvez, conheço os meus inimigos, conheço-lhes as manhas, não me enganam, mesmo quando se partem para crescerem mais fortes, ou se encravam, ou, cobarde, desatam a crescer debaixo da pele, escondidos, conheço os meus inimigos e não perco uma oportunidade para os desmascarar, não os deixo fingir, ganhar tempo, uma guerra sem tréguas, quando olho para as pernas de uma desconhecida sei logo a força dos meus inimigos, como são combatidos, outra

profissional olha e não vê nada, eu posso aceitar apostas, sobre as armas utilizadas, cera, creme, gilete, as maquinas que fazem o barulho irritante das moscas, quando olho para as pernas de uma desconhecida avalio de imediato a força dos meus inimigos, distingo cicatrizes, pêlos encravados, mesmo se quero pensar noutra coisa, especialmente se quero pensar noutra coisa, sou uma boa vendedora, a melhor, faço cem, duzentos quilómetros, os que forem necessários para vender as minhas ceras, não sei fazer mais nada, persigo os meus inimigos, milhões de inimigos em todo o lado, uma luta desigual, perdida, a partir de hoje vai ser tudo diferente, apesar de me sentir tão cansada, não deixo que me passe pela cabeça que, a partir de hoje, a partir de amanhã, nem uma diferença, uma única diferença, não posso aceitar um mar de dias iguais à minha frente, a minha vida a consumir-se na repetição dos dias, dos gestos, das palavras, o Ângelo

ninguém corrige o passado, ponto final

por que ouço o agoirento do Ângelo, faças o que fizeres não te livras de ti, do que foste, do que continuas a ser, faças o que fizeres, por que ouço o agoirento do Ângelo em vez das canções da minha cassete, a partir de hoje vai ser tudo diferente, vendi a casa, é verdade que ainda há pouco, na área de serviço, tornei ao mesmo, mais um homem e a mesma brincadeira, a mesma mentira, ou, para ser mais rigorosa, outra mentira, porventura mais grave, a todos os homens com quem fui e que calharam perguntar-me o nome respondi sempre com uma charadae

um nome de uma flor que também é uma cor

bêtises ma chérie, bêtises

nunca nenhum acertou, talvez fosse estranho, talvez tivesse achado realmente estranho se tivesse pensado nisso, não pensei, até ele todos os homens que tentaram adivinhar, responderam Rosa, a maior parte não arriscou, sorriu e pôs-se a andar, queriam lá saber o meu nome, era só uma pergunta, a mais vulgar, tinham pressa, apenas uma pergunta, a mais comum, para afastar o silêncio, o embaraço, a vergonha de terem estado dentro de uma mulher como eu, nunca conheci nada mais desapiedado do que a carne saciada, o que é certo é que até esta noite, até ele, todos os homens tinham respondido Rosa, um erro de que gostava, outro nome e não era eu que ali estava mas a tal Rosa, uma criatura que chegava a lamentar quando me dava para isso, portanto quando o homem me perguntou o nome repeti a charada certa de que não me ia dar uma resposta diferente de Rosa ou de um sorriso, estava tão convencida que me assustei quando ouvi o meu nome, tenho muito medo, quem se dedica a este tipo de caça tem sempre muito medo, qualquer presa aprende rapidamente o medo que a pode salvar,

há qualquer coisa na estrada, a chuva não me deixa ver, os limpa- pára-brisas já estão na velocidade máxima, há qualquer coisa ali à frente, travo, o carro foge-me, uma guinada, ziguezagueio, nem sequer me assusto, volto à marcha regular, franzo os olhos, é demasiado grande para ser o corpo de um cão ou de um gato, avanço com cautela, só muito perto percebo que é uma árvore tombada, os ramos aos pinotes no vento, um remoinho de folhas, rodo o volante, desvio-me da espiral de folhas que se eleva no escuro, dos ramos que esbracejam, ainda bem que esta árvore não morreu de pé, sempre me entristeceram as árvores que ficam a morrer de pé, ainda

sonham com as primaveras seguintes quando lhes colam nos troncos, árvore para abate, ainda sentem o peso dos ninhos e o vento dos pardais em voo, entristecem-me as árvores mortas que esperam viajantes que lhes fogem, ninguém gosta da sombra da morte, ali ficam até que a serra eléctrica as deita por terra, o tronco em rodela de madeira, a copa um braçado de galhos que alguém há-de recolher para atear uma lareira ou para, uma folha cola-se no pára-brisas, levo-a comigo, a partir de hoje nada vai ser diferente, não posso corrigir o que passou, não tenho mão no que aí vem, o aviso de uma saída de emergência do lado direito, a folha voa, não quis ir comigo, não me quer como companhia, estou bêbeda, uma folha não tem querer, estou bêbeda, as folhas sabem tudo sobre nós, estou bêbeda, o coração magoa-me, o meu corpo ainda mais desconhecido do que os estranhos que o tomam, apenas o reconheço na dor, a aguardente deixou-me a cabeça num rodopio que me agrada, esfrego os olhos em vão, continuam turvos, desato a chorar, a folha não me quis acompanhar, sou tão risível, sinto as mãos do homem na minha pele, afago os pequenos sulcos que as unhas dele deixaram no meu corpo, caminhos, não sei o que fazer com o cheiro de um desconhecido entranhado na minha carne, estou assustada, e se nunca mais tiver lugar em mim, se nunca mais me pertencer, por que me deixo morrer,

por que me mata a vida

acelero em direcção ao infinito que se tornou o meu destino, um único sentido, a partir de hoje tudo vai ser diferente, a noite assusta-me, seis porções de escuro que aguardam fora dos vidros do carro, já é muito tarde, 4.37 no relógio digital do tablier, 4.32 na realidade, sempre me concedi cinco

minutos de avanço, é certo que nunca me valeram de muito, nunca cheguei a horas ao futuro, ligeiros atrasos, desencontros, motivos comezinhos de que já não me recordo, avisto um carro à minha frente, é o primeiro que vejo desde que saí da área de serviço, acelero para me aproximar das duas luzinhas vermelhas que se duplicam na água da estrada, o carro segue devagar, decido ultrapassá-lo, vou ao lado de uma desconhecida na noite do temporal, dou-lhe uma cara, redonda, exageradamente redonda, um corpo, gordo, tristemente gordo, uma profissão, vendedora, uma casa, travessa do paraíso, nº, uma filha, a Dora, entrego a desconhecida ao rasto de água que o meu carro deixa, uma serpentina que se encrespa no ar, em vez das luzinhas vermelhas duplicadas no chão duas luzes brancas no retrovisor, uma magia, se soubesse fazer magias desaparecia de mim, acelero, ganho distância das luzes brancas que ficam cada vez mais pequenas, roubo-lhes a cara,

o corpo, a profissão, a família, uma bêbada entretém-se com qualquer coisa, até com um jogo tão fraquinho como este, os faróis do carro que ultrapassei desaparecem do retrovisor, de novo apenas a noite, um aviso, um rectângulo amarelo plantado na berma, que

conduza com prudência

leio em voz alta, conduza com prudência, a voz escorrega contra os vidros, outro rectângulo, este pendurado, anuncia uma encruzilhada, quatro estradas devidamente numeradas, quatro destinos, posso finalmente mudar de rumo, inverter a marcha, desistir, é tentador pensar que posso escolher, e se a partir de hoje fosse realmente tudo diferente, a encruzilhada que conheço dos meus mapas, sempre coleccionei mapas,

quer dizer, coleciono mapas há muito tempo, centenas de mapas em minha casa, usados, imaculados, tanto faz, nos mapas escolho os caminhos sem medo, dou voltas e voltas aos meus mundos de papel, vou a todos os lugares, sítios a que não associo uma paisagem, uma cara, uma flor, nada, terras que só existem para cumprirem o meu desejo de partir nas tardes de muito calor, estendo os mapas no chão do meu quarto, não quero saber nada sobre

o mundo, nunca quis, nas tardes de muito calor, corro os estores e o meu corpo cobre-se com fios de ovais luminosas, um amontoado de pontos de luz geometricamente dispostos, passo tardes inteiras de verão a viajar, aproximo-me da encruzilhada, dos quatro destinos numerados, a chuva cai translúcida ao pé dos candeeiros de cimento, fios de água tremeluzentes, uma chuva de pirilampos, e se mudasse o destino, e se desistisse

Les Anges, Violeta

Dulce Maria Cardoso

Translated from the Portuguese by Cécile Lombard

sans crier gare

je n'aurais pas dû partir, je n'aurais pas dû partir, je n'aurais pas dû partir, pendant quelque temps, quelques secondes, quelques heures, je ne suis capable de rien d'autre,

sans crier gare je m'arrête

la position dans laquelle je me trouve, la tête en bas, suspendue par la ceinture de sécurité, ne me dérange pas, mon corps, bizarrement, ne me pèse pas, le choc a dû être violent, je ne me souviens pas, j'ai ouvert les yeux et j'étais comme ça, la tête en bas, les bras qui cognent contre le plafond, les jambes ballantes, la gaucherie d'une poupée de chiffon, les yeux posés, indolents, sur une goutte d'eau arrêtée sur un morceau de vitre vertical, je n'arrive pas à identifier les bruits que j'entends, je recommence, je n'aurais pas dû partir, je n'aurais pas dû partir,

elles sont tellement assommantes les rengaines

pendant quelque temps, quelques secondes, quelques heures, je ne suis capable de rien d'autre, je n'ai pas dû tomber loin de l'autoroute, la pluie claque sur le métal de la voiture, les roues tournent à vide, cri-cri, cri-cri, des grillons, non, ça ne peut pas être des grillons, tic-tac, les quatre clignotants, dans la goutte d'eau, c'est seulement mes yeux qui n'arrivent

pas à se détourner, c'est seulement mes yeux, ma voiture renversée dans un terrain vague, mon sac de voyage accroché dans un arbuste, les boîtes de cires, les cadeaux pour les clientes et mon cahier de comptes éparpillés dans la boue, une chaussure dans une flaque un peu plus loin, les phares sont restés allumés, la pluie, des fils de vers-luisants qui volètent jusqu'à tomber morts, cri-cri, ça ne peut pas être des grillons, partout des petits bouts de verre très brillants, des cristaux qui mettent la nuit en fuite,

je n'aurais pas dû partir

le liquide chaud qui coule de ma bouche c'est du sang, je reconnais le goût, ma bouche est une pâte, chaude, trop chaude, écoeurante, je veux bouger, me délivrer de la ceinture, mes mains ne m'obéissent pas, deux poids morts encombrants, mes jambes, deux absences, et mes yeux posés, inertes, sur la goutte d'eau remplie de lumière, une goutte inondée de lumière, qui va me happer, qui m'engloutit, je résiste, je recommence, je n'aurais pas dû partir, je n'aurais pas dû partir,

sans crier gare

je n'ai pas mal, je n'ai pas peur, mes yeux noyés dans la goutte d'eau, à mes oreilles une auberge de grillons,

en ce moment je n'existe peut-être plus ici

ce moment n'existe peut-être déjà que pour moi

je roule sous les ténèbres

doucement, je glisse sur l'autoroute qui est toujours la même, celle qui reste derrière, celle qui se renouvelle devant moi, une langue charitable qui m'avale, noire, infinie, j'avance, je me guide aux réflecteurs qui longent le bas-côté, aux glissières d'acier, le vent tord les arbres sans feuilles, des squelettes tristes, des traits de charbon rayant le ciel, les poteaux haute-tension, des épouvantails qui se donnent la main pour une farandole qui ne va nulle part,

doucement

j'avance dans le sens unique vers lequel s'accomplit l'infini, dans ma tête un vertige agréable, cet après-midi j'ai vendu ma maison, j'ai signé l'acte avec un stylo d'argent, ma main n'a pas tremblé, je n'ai pas hésité, si je pensais que c'était facile c'est effarant comme ça l'a été encore plus, je voyage dans la nuit de la tempête, ces derniers jours on n'a parlé que de ça, le bulletin météorologique, la protection civile, dans les cafés, avec mes clientes, un propos,

ils ont annoncé une tempête

un sujet de conversation, ils en font tout un plat et si ça se trouve ça ne sera rien, ils se trompent tout le temps, qui peut prévoir les caprices de la nature, un échange de paroles, c'est en mer que ça va être pire, dans ma tête le vertige qui me plaît bien, je tends une main aveugle à ma droite, je cherche ma cassette, à partir d'aujourd'hui tout va être différent, je répète, à partir d'aujourd'hui tout va être différent, la pluie s'abat sur le toit avec un bruit qui devrait m'effrayer, elle épaissit les vitres, les double, des milliers de gouttes écrasées sur les vitres, des toiles d'araignée que le vent défait aussitôt, des rafales de vent de plus de, j'affronte la nuit de la tempête,

je roule sous les ténèbres

ma main aveugle à la recherche d'une voix qui apaise la tempête, un éclair, un reste de la lumière du commencement, au commencement était la lumière, au commencement rien que la lumière et nous déjà aveugles pour toujours,

*bêtises ma chérie, bêtises*¹,

j'ai du mal à respirer, une douleur dans la poitrine, un sujet de conversation, tu bois toujours trop, mon corps pesant qui suit ma main, la difficulté habituelle dans les gestes les plus simples,

monstresse, monstresse

un autre éclair, un joli néon qui divise l'obscurité, je trouve la cassette, un coup de tonnerre, l'obscurité qui rugit, je n'ai aucun mal à imaginer que la mer a pris la place du ciel pour se déverser sur la terre, j'avance, sur le ciel je suppose, un chemin qui ne cesse de croître dans les ténèbres, je mets la cassette dans le lecteur, j'appuie sur le bouton pour la rembobiner, j'égratigne le silence, un sujet de conversation sur l'aire de service,

regarde cette grosse, soûle perdue

un échange de paroles, il y a tellement de malheur dans ce monde, même pas une conversation, on voit de tout, mon coffre est rempli de cires, de cadeaux, d'échantillons, de prospectus, mon cahier de comptes, mes clientes m'attendent demain matin

1. Les mots et expressions en italique sont en français dans le texte original.

très tôt, il y a des années qu'elles m'attendent, pas celles-ci, pas sur cette route, d'autres, dans d'autres directions, on s'entend bien, je suis une bonne vendeuse, la meilleure, je connais par cœur et sans réfléchir la composition des cires, les températures auxquelles elles fondent, les peaux auxquelles elles sont destinées, ma vie est une lutte contre des millions de poils, c'est ce dont je suis le plus fière, à part peut-être de Dora, peut-être, je connais mes ennemis, je connais leurs ruses, ils ne me trompent pas, même quand ils se cassent pour repousser plus forts, ou qu'ils poussent à l'envers, ou, les lâches, qu'ils se mettent à pousser sous la peau, cachés, je connais mes ennemis et je ne manque pas une occasion de les démasquer, je ne les laisse pas feindre, gagner du temps, une guerre sans trêve, quand je regarde les jambes d'une inconnue je connais tout de suite la force de mes ennemis, comment ils sont combattus, une autre professionnelle regarde et ne voit rien, je peux prendre des paris, sur les armes utilisées, cire, crème, rasoir, petites machines qui font le bruit énervant des mouches, quand je regarde les jambes d'une inconnue j'évalue immédiatement la force de mes ennemis, je distingue les cicatrices, les poils enkystés, même si je veux penser à autre chose, surtout si je veux penser à autre chose, je suis une bonne vendeuse, la meilleure, je fais cent, deux cents kilomètres, ce qu'il faut pour vendre mes cires, je ne sais rien faire d'autre, je traque mes ennemis, des millions d'ennemis partout, un combat inégal, perdu, à partir d'aujourd'hui tout va être différent, bien que je me sente tellement fatiguée, je ne me permets pas de penser que, à partir d'aujourd'hui, à partir de demain, pas une seule différence, une unique différence, je ne peux pas accepter une mer de jours égaux devant moi, ma vie qui se consume dans la répétition des jours, des gestes, des mots, Ângelo

on ne change pas le passé, point final

pourquoi est-ce que j'entends ce rabat-joie d'Ângelo, quoi que tu fasses tu ne peux pas te délivrer de toi-même, de ce que tu as été, de ce que tu es toujours, quoi que tu fasses, pourquoi est-ce que j'entends ce rabat-joie d'Ângelo au lieu des chansons de ma cassette, à partir d'aujourd'hui tout va être différent, j'ai vendu la maison, c'est vrai qu'il n'y a encore pas longtemps, sur l'aire de service, j'ai refait la même chose, un homme de plus et la même plaisanterie, le même mensonge, ou, pour être plus rigoureuse, un autre mensonge, peut-être plus grave, à tous les hommes avec qui j'ai été et qui par hasard m'ont demandé mon nom j'ai toujours répondu par une devinette et

un nom de fleur qui est aussi une couleur

bêtises ma chérie, bêtises

aucun n'est jamais tombé juste, peut-être que c'est bizarre, peut-être que j'aurais trouvé ça vraiment bizarre si j'avais pris la peine d'y penser, je n'y ai pas pensé, jusqu'à celui-là tous les hommes qui ont essayé de deviner ont répondu Rosa, la plupart d'entre eux ne s'y sont pas risqués, ils ont souri et se sont mis en route, qu'est-ce qu'ils en avaient à faire de mon nom, c'était juste une question, la plus banale, ils étaient pressés, juste une question, la plus commune, pour éloigner le silence, la gêne, la honte d'avoir été dans une femme comme moi, je n'ai jamais rien connu de plus impitoyable que la chair rassasiée, ce qui est sûr c'est que jusqu'à cette nuit, jusqu'à lui, tous les hommes avaient répondu Rosa, une erreur qui me plaisait, un autre nom et ce n'était pas moi qui étais là mais

la Rosa en question, une créature que j'en venais à plaindre quand il m'arrivait d'y penser, donc quand l'homme m'a demandé mon nom j'ai répété la devinette en étant certaine qu'il n'allait pas me répondre autre chose que Rosa ou un sourire, j'en étais tellement convaincue que j'ai eu peur quand j'ai entendu mon nom, j'ai très peur, quand on s'adonne à ce genre de chasse on a toujours très peur, toute proie apprend rapidement la peur qui peut la sauver, il y a quelque chose sur la route, je ne vois pas à cause de la pluie, les essuie-glaces sont déjà à la vitesse maximum, il y a quelque chose un peu plus loin, je freine, la voiture m'échappe, un dérapage, je zig-zague, je n'ai même pas peur, je rétablis l'allure normale, je plisse les yeux, c'est trop grand pour être le corps d'un chien ou d'un chat, j'avance avec précaution, ce n'est que de très près que je comprends que c'est un arbre abattu, les branches tressautant dans le vent, un tourbillon de feuilles, je tourne le volant, j'évite la spirale de feuilles qui s'élève dans l'obscurité, des branches qui battent l'air, encore heureux que cet arbre ne soit pas mort debout, je suis toujours attristée par les arbres qui restent à mourir debout, ils rêvent encore des printemps à venir quand on leur placarde sur le tronc, arbre à abattre, ils sentent encore le poids des nids et le souffle du vol des moineaux, ils m'attristent, les arbres morts attendant les voyageurs qui les fuient, personne n'aime l'ombre de la mort, ils restent là jusqu'à ce que la scie électrique les couche par terre, le tronc en rondelles de bois, la ramure une brassée de branches que quelqu'un viendra chercher pour allumer une cheminée ou pour, une feuille se colle au pare-brise, je l'emporte avec moi, à partir d'aujourd'hui rien ne va être différent, je ne peux pas changer ce qui est passé, je ne suis pas maîtresse de ce qui vient, le panneau d'une sortie d'urgence sur la droite, la feuille s'envole, elle n'a pas voulu venir avec moi, elle ne

veut pas de ma compagnie, je suis soûle, une feuille n'a pas de volonté, je suis soûle, les feuilles savent tout de nous, je suis soûle, mon cœur me fait mal, mon corps encore plus inconnu que les étrangers qui le prennent, je ne le reconnais que dans la douleur, l'eau-de-vie m'a mis dans la tête un vertige qui me plaît, je me frotte les yeux en vain, ils restent troubles, je me mets à pleurer, la feuille n'a pas voulu m'accompagner, je suis tellement ridicule, je sens les mains de l'homme sur ma peau, je caresse les petits sillons que ses ongles ont laissés sur mon corps, des chemins, je ne sais pas quoi faire de l'odeur d'un inconnu imprégnée dans ma chair, j'ai peur, et si je n'avais jamais plus de place en moi, si je ne m'appartenais plus jamais, pourquoi est-ce que je me laisse mourir,

pourquoi est-ce que la vie me tue

j'accélère en direction de l'infini qui est devenu ma destination, un sens unique, à partir d'aujourd'hui tout va être différent, la nuit me fait peur, six portions d'obscurité qui attendent de l'autre côté des vitres de la voiture, il est déjà très tard, 4h 37 à l'horloge digitale du tableau de bord, 4 h 32 en réalité, je me suis toujours concédé cinq minutes d'avance, c'est sûr que ça ne m'a jamais servi à grand chose, je ne suis jamais arrivée à l'heure au futur, de légers retards, des erreurs de trajet, des motifs tout simples dont je ne me souviens plus, j'aperçois une voiture devant moi, c'est la première que je vois depuis que je suis sortie de l'aire de service, j'accélère pour me rapprocher des deux petites lumières rouges qui se dédoublent dans l'eau sur la route, la voiture va lentement, je décide de la dépasser, je roule à côté d'une inconnue dans la nuit de la tempête, je lui donne un visage, rond, exagérément rond, un corps, gros, tristement gros, une profession, vendeuse, une

maison, allé du paradis, n°, une fille, Dora, je livre l'inconnue au sillage d'eau que laisse ma voiture, un serpent qui se ride dans l'air, au lieu des petites lumières rouges dédoublées au sol deux lumières blanches dans le rétroviseur, de la magie, si je savais faire des tours de magie je disparaîtrais de moi-même, j'accélère, je gagne de la distance sur les lumières blanches qui sont de plus en plus petites, je leur vole le visage, le corps, la profession, la famille, une ivrogne s'amuse de n'importe quoi même d'un jeu aussi nul que celui-là, les phares de la voiture que j'ai doublée disparaissent dans le rétroviseur, de nouveau rien que la nuit, un panneau, un rectangle jaune planté sur le bas-côté, que

au volant soyez prudent

je lis à voix haute, au volant soyez prudent, la voix glisse contre les vitres, un autre rectangle, accroché en l'air celui-là, annonce un carrefour, quatre routes avec leurs numéros respectifs, quatre chemins, je peux enfin changer de route, inverser la marche, abandonner, c'est tentant de penser que je peux choisir, et si à partir d'aujourd'hui tout était réellement différent, le carrefour que je connais par mes cartes de géographie, j'ai toujours collectionné les cartes, c'est à dire, il y a longtemps que je collectionne les cartes, des centaines de cartes chez moi, usées, immaculées, peu importe, sur les cartes je choisis les chemins sans peur, je fais des tours et des tours de mes mondes de papier, je vais partout, à des endroits auxquels je n'associe ni un paysage, ni un visage, ni une fleur, rien, des pays qui n'existent que pour satisfaire mon désir de partir par les après-midi très chaudes, j'étale les cartes sur le sol de ma chambre, je ne veux rien savoir sur le monde, je n'ai jamais voulu savoir, les après-midi très chaudes, je ferme

les volets et mon corps se couvre de fils d'ovales lumineux, un tas de points de lumière disposés géométriquement, je passe des après-midi d'été entières à voyager, je m'approche du carrefour, des quatre chemins numérotés, la pluie tombe translucide au pied des lampadaires de ciment, des fils d'eau scintillants, une pluie de vers-luisants, et si je changeais de destination, et si j'abandonnais



EUROPEAN UNION
PRIZE FOR LITERATURE

2009

Dulce Maria Cardoso – Portugal

Os Meus Sentimentos

Les Anges, Violeta

350 pp, 2005

Published in:

Croatia: Disput

France: L'Esprit des Péninsules

Italy: Voland

The Netherlands: Meulenhoff

Rights sold to (*Last Update – September 2011*):

Bulgaria: Ergo

Greece: Nissos

Serbia: Booka

Publishing House **Asa Editores**

Rua Cidade de Córdoba Nº2 – 2610 - 038 – Alfragide – Portugal

Tel. +351 (707) 252252 – Tel. +351 (707) 289289 – www.asa.pt

Agent: info@litag-saile.de

ISBN: 978-989-23-0632-2

EUPL / FEP-FEE – Rue Montoyer, 31 – B-1000 Brussels – T. +32 (0)2 770.11.10

info@fep-fee.eu – www.euprizeliterature.eu



Culture Programme



FEDERATION OF EUROPEAN PUBLISHERS
FÉDÉRATION DES ÉDITEURS EUROPÉENS